



# ÍNDICE

# ANO II - Ed. 09

# MÚSICA



14 REVELAÇÃO PAULA PIVATTO: Uma DJ, uma mulher com garra

DESTAQUE DJ DIEGO RAMAL: Há 13 anos tocando Tribal House nas pistas de todo o Brasil



18 **EVENTO** REVIEW: Curitiba aterrizou em SP

REVELAÇÃO 09 NICOLY: Do pop ao tribal levando várias sensações e transmitindo alegria por onde passa



I.D. 24

14



MATÉRIA Entre Remixes, Bootlegs e Mashups



26 ARTICLE Between Remixes, Bootlegs and Mashups

VOZES



32 COLUNA KUKUA DADA Papo de Trava: Perspectiva Trans - Parte 2

28 COLUNA KUKUA DADA Papo de Trava: Trans Perspective Part I - Childhood





30 COLUNA KUKUA DADA Papo de Trava: Trans Perspective - Part 2







Mineiro. desde cedo já se aventurou na música eletrônica. Em 2009, se profissionalizou como DJ e fez a sua estreia em grande estilo, ao lado dos incríveis Mozart. Em pouco tempo, já ganhou o gosto do público e começou a viajar para levar seu som para as grandes capitais do Brasil, em festas e clubs renomados. Diego vem se destacando na cena eletrônica de Tribal House, que é a vertente na qual ele se encontrou profissionalmente.

Tudo começou em 2005, quando foi convidado por um amigo para comandar o som de uma festa de aniversário, e foi a partir daí que descobriu o que queria fazer para sempre. Apaixonado pelo que faz, Diego cativa cada vez mais o público pelo seu conceito e bom gosto. Tornou-se produtor Josefine em Belo Horizonte e dos selos internacionais como: e residente do histórico C r. Atualmente reside e produz no Rio de Jan<u>eiro o</u>

Nessa entrevista, Ramal relata sobre o início da sua carreira, mudança para o Rio de Janeiro, reali-zações profissionais; toda a sua dedicação e esforço para conseguir alcançar e ocupar mais espaços com o seu trabalho na cena eletrônica. Confira agora a nosso bate-papo com o DJ Diego

66 O Diego Ramal surgiu quando me profissionalizei e precisei criar um nome artístico, mas eu acredito que ele sempre esteve dentro de mim, desde que eu conheci a música eletrônica, sobretudo, o Tribal House

O Diego Ramal surgiu quando me profissionalizei e precisei criar um nome artístico, mas eu acredito que ele sempre esteve dentro de mim, desde que eu conheci a música eletrônica, sobretudo o Tribal House. Eu ia para a boate Josefine para assistir o DJ residente fazer longs sets e alí colado no blindes da cabine, eu aprendia "tocar". Um dia, o dono da boate veio até mim e me perguntou. se eu era DJ e eu disse que não, mas que sonhava em ser, aí ele me deu um curso e me incentivou. A partir daí em diante, eu tive a certeza que queria aquilo para vida toda.



Ramal é a junção dos meus sobrenomes Ramos Alves. Minhas influências no início da carreira foram auro Mozart e Aless, através deles eu conheci ícones como P cando cada vez mais referências





icio de carreira, na Mariah Club - Belo Horizonte

Foi algo memorável e uma honra, pois estrear ao lado de pessoas que você admira é um grande presente da vida. Nunca vou me esquecer daquele primeiro play. Eu trabalhava na equipe de di-vulgação do clube e era frequentador assíduo, já havia me profissionalizado e buscava por uma oportunidade na casa, o convite velo da promoter <sup>p</sup>ip 101 ft. Nachade para fazer a abertura da noite onde o headliner era o americano Cili <sup>c</sup>zu, e o residente March Mazon I. Foi uma sensação inexplicavel e eu consigo lembrar como se fosse ontem de toda a minha preparação, entrega e sa tisfação por estar naquela cabine tão sonhada ao lado de duas feras. Entreguei o meu melhor e a partir daquele momento senti que realmente era o que eu queria fazer pelo resto da minha vida.

Eu sempre fui apaixonado por essa vertente e consigo sentir emoções que me conectam fortemente com a pista tocando esse estilo. Houve uma época que eu somente consumia e tocava Tribal House. Hoje, eu me permito ir um pouco mais além, mas a minha raiz será sempre o Tribal House. Eu acho que a cena está em evolução e em evidência. Vejo um excelente momento para a cena tribal como um todo e muitos talentos sendo revelados com produções incríveis.



**66** Eu sempre fui apaixonado por essa vertente e consigo sentir emoções que me conectam fortemente com a pista tocando esse estilo

DJ Diego Ramal.



Eu comecei a tocar como convidado em algumas noites e sempre me dediquei para entregar meu melhor. Fui conhecendo o público e cada vez que eu me apresentava, eu buscava fazer algo diferente

Aí, o convite surgiu dos proprietários e eu assumi as noites de sábado e quintas-feiras alternadas com os outros residentes, consegui alcançar com muita luta. Eu fiquei na residência por 2 anos, depois eu segui com o meu próprio label.

Club Josefine - Belo Horizonte. Foto: Acervo pessoal do artista

Assista: Dj Diego Ramal @ Illusion Josefine BH

## Assista: Diego Ramal Abrindo o Set no Feeling Extend Passion In Life @ Josefine BH 08 Outubro 2016

66 No início da minha mudança, era tudo muito incerto, mas eu nunca deixei de acreditar que se eu seguisse o meu coração, eu conseguiria realizar os meus sonhos e, assim, eu sigo nesses 5 anos que estou aqui, enfrentando os meus medos e correndo atrás da minha vitória 🕦

Na verdade não, eu trabalhava em uma empresa e recebi uma promoção para gerenciar a filial do Kio. Al, eu acettei o destino è vini sem pretensoles, inicialmente, finigueiri nei dava oporiumidade nenhuma, era uma data a cada dois messes e olhe là, mas eu tinha meu emprego que me ajudava a segurar as pontas. Até que eu criei um projeto, minha festa Fuego. Apresentei para um empresà-fro que comprou a ideia e me deu uma oportunidade de ouro. Depois, eu me oferei pra tocar em um rooftop na zona sul e os produtores gostaram e começaram a me chamar sempre. Aí, eu fui me reconstruindo e me reinventando para enfrentar o mercado. No início da minha mudança, era tudo muito incerto, mas eu nunca deixei de acreditar que se eu seguisse o meu coração, eu conseguiria realizar os meus sonhos e, assim, eu sigo nesses 5 anos que estou aqui, enfrentando os meus medos e correndo atrás da minha vitória



DJ Diego Ramal com o seu mai



Total. A internet é a fonte de pesquisa de comunicação e o mecanismo de ligação das pessoas. Através dela eu consigo chegar em locais inimagináveis, recebo feedbacks de vários países elogiando sets e vídeos que eu compartilho nas minhas redes sociais.

Eu destaco o Warm Up da <mark>Revolution São Paulo</mark> em 2021, na área vip do Rock in Rio em 2019, Pride de Recife em 2013, nos rooftops da Rede Accor, no réveillon da orla de Copacabana. Eu acho que cada uma dessas festas ou clubes para mim tiveram e têm uma importância única. Meu maior sonho é fazer uma turnê pela Europa.

> Assista: Dj Diego Ramal @ COLOURS PRIDE INTERNATIONAL RECIFE 2012



Foi um convite feito há uma semana para o evento e era mais um grande desafio também, pois era para tocar todos os dias repertórios diferentes a cada apresentação. Eu me senti imensamente lisonjeado e topei na hora, sem pensar duas vezes. Cada dia parecia que eu vivia um sonho e me entreguei para essa experiência com a maior dedicação. Um momento memorável do festival foi quando eu fiz um long set de Tribal no dia que é considerado o LGBTQIA+, que foi no mesmo dia da cantora Pink. Minha cabine ficava bem em frente ao palco mundo e foi histórico ver a galera se juntando pra dançar ao meu som.





Atualmente sou residente do Club TAU em Copacabana, no posto 6 e na HL Sunset, que é um evento titnerante. Tenho também algumas labels próprias que eu sempre toco quando elas aconte-cem. Acho que é importante o DJI ter uma residência, pois é uma prospecção da proposta musical dele e, também, dá mais credibilidade na negociação com outros contratantes.







de primo sou muito fã e sempre faço homenagens a ele, como por exemplo, os mashups das músicas "Vibe Bo







Rock in Rio 2019 Foto: Acervo pessoal do artista

Eu ouço tudo. Começo o dia ouvindo Marisa Monte e termino ouvindo Vintage Culture. Minha lista de DJs é extensa, não cabe aqui e, também, não me perdoaria se esquecesse um nome, mas dois que estão sempre na minha playlist são: o DJ Zuccare e o DJ Calvin Harris.





Posso adiantar que para o próximo semestre temos um projeto para novos talentos. É óbvio que tem muita música nova e exclusiva. "ACUARDEMI!!" Agradeço pela atenção, carinho e oportunidade de fajar um pouco sobre meu trabalho e de abrir esse espaço para vocês me conhecerem um pouco melhor.





INSTAGRAM



PEDRO CAMPOS







# icoly: Do pop ao tribal levando várias sensações e transmitindo alegria por onde passa

Ela é de Belo Horizonte – Minas Gerais, Nicoly traz na veia a paixão pela música e agita qualquer pista. A deejay, que é reconhecida pelo seu talento e carisma, com pouco tempo de carreira, mas com grande destaque na cena tribal no Brasil, vem fazendo apresentações nos principais selos de música eletrônica e participou de grandes projetos online em meio a pandemia, sendo agora a nossa nossa REVELAÇÃO de hoie.



DJ Nicoly

Há 5 anos atua como Deejay, a DJ começou com a paixão pela música tocando pela primeira vez em 2017, um bar bastante renomado no bairro Savassi na capital mineira com estilo Pop, sentindo na pele intensamente a emoção de tocar músicas que fazem as pessoas terem várias sensações. Logo depois, migrou para a música eletrônica onde se identificou e encontrou um nicho que poderia ter mais oportunidades de trabalho e um plano de carreira de mais sucesso.

Saiba agora nesta entrevista como começou toda a história da música com essa DJ Revelação que vem cada vez mais se destacando como DJ pelo Brasil afora.

#### Com toda essa história de muitas felicidades e vitórias, como tudo começou?

A paixão pela música já vem bem antes de ser DJ, sempre amei as várias sensações que a música proporciona, os vários ritmos que existem, saber a tradução das músicas, as coreografias da divas pop para colocar nos meus shows de Drag Queen, que eu mesma fazia as montagens no computador, a música sempre foi muito importante em várias fases da minha vida, depois da carreira pop, onde eu já inseria alcumas músicas eletrôcinicas em meu set.

## Assista: Estreia no Fifty Lourdes em BH 29/05/2017

Logo depois, comecei a abrir a pistat de alguns eventos da cena no Club Factory, tocando deep house. Após um periodo de experiência com a pista, fiz o curso para DJs da CAL para aprender algumas técnicas de mixagem, meios de pesquisa e equipamentos que trabalharia dali em diante estreei tocando tribal na GIS MAIS uma das boates mais tradicionais da capital mineira, e, desde então, a música eletrônica tem sido meu foco até os dias de hoje, e sigo amando cada vez mais ter essa alegria e passar ela para as pessoas.





Hoje sendo aprovada por onde passa, como é estar passando por uma fase transformadora, onde o reconhecimento é uma realidade que está fazendo parte da sua carreira?

Desafiador, mudar é sempre bom, fazer parte do novo é bom, quando saímos da nossa zona de conforto e os resultados são positivos, o prazer de inovar fica mais asseado, sempre tive a carreira mais acelerada e agora estou mais objetiva, em uma fase que exige uma muita dedicação, estudo, paciência, ética, profissionalismo e humildade, para continuar seguindo essa linha de crescimento e conseguir chegar no meu objetivo profissional. O reconhecimento do público, o carinho e apoio deles e de amigos, as oportunidades que estão surgindo me fazem ter certeza que estou no caminho certo e querer fazer o melhor para chegar lá e passar minha mensagem com clareza e muita música boa.



Apresentação Taboo - Belo Horizont



Apresentação Festa Oculto - Rio de Janeir



Apresentação Vertand - Curitiba

Fazer parte de um casting de uma agência renomada, conta muito para a carreira de um Deejay, principalmente se tratando de um mercado com tantas opções, como é estar fazendo parte da Agência Sound&Art e como se sente ao lado de nomes tão conhecidos?

Me sinto honrada e grata por fazer parte desse time, estamos preparados para mostrar o melhor que temos. Quando fui convidada pra ser agenciada pelo Thiago Bellonzi, não sabia que ele estava recrutando artistas para fazer parte do casting da Sound&art, só depois fui ficar sabendo desse super plano, o que me deixou mais feliz em deu mais segurança do meu trabalho, além de uma grande oportunidade, afinal estou entre artistas que sou admiro e sou fál

Fora que ter uma equipe que cuida da sua data de trabalho desde quando você sai de casa até quando você volta cuidando de cada detalhe faz toda diferença.



Sabemos que hoje em dia, fazer parte do público LGBTQI+ temos várias dificuldades na vida desde que nos entendemos por gente, como mulher trans já encontrou alguma barreira no caminho?

Qualquer pessoa trans enfrenta muitas barreiras no caminho de qualquer profissão que seia, muitas vezes temos que omitir nossa verdade para conseguir passar por elas e obter "sucesso" ou apenas para sobreviver. Tive que mostrar versatilidade para tocar em todo tipo de evento e balada, às vezes sendo eu mesma e às vezes me segurava, para ser o que o contratante queria ou esperava que eu fosse, e, assim, consequir viver trabalhando com o que amo e acredito que é o melhor pra mim.

66 Há um tempo atrás não se via tantas pessoas trans na cena, a não ser nas pistas, hoje em dia já estamos nos bares, nas luzes, nos telões, no palco, na música, na dança, nas produções, nos bastidores em geral e, aos poucos, vamos ocupando lugares que já são nossos 🔰

Tendo em vista tudo que estamos vivendo atualmente, principalmente na divulgação da causa e dos direitos LGBTQI+, qual movimento você está observando na cena eletrônica de inserção de mulheres trans?

Estou vendo que está despertando uma curiosidade nas pessoas trans em estudar música, e até em fazer outros papéis na cena, elas querem passar o que sentem, o que vivem através da música ou de outra forma de arte, querem mostrar outro lado da história, querem ser vistas com outros olhos, querem sentir o carinho das pessoas por algo que elas fazem ali que faz bem a todos que estão na pista ou no evento de alguma maneira e que seria pouco provável que fizessem antes. Há um tempo atrás, não se via tantas pessoas trans na cena, a não ser nas pistas. Hoje em dia, já estamos nos bares, nas luzes, nos telões, no palco, na música, na dança, nas produções, nos bastidores em geral e, aos poucos, vamos ocupando lugares que já são nossos, afinal , fazemos parte da mesma comunidade e também temos capacidade de trábalhar como pessoas cis e já provamos isso inúmeras vezes, tanto que grandes nomes da comunidade trans conquistaram grandes espaços para mostrar que podemos e conseguimos ser oque quisermos, como Honey Dijon, Kim Petras, Barbara Bombom, Linn da Quebrada, Urias, Micaela Jaé, Carol Marra, Indya Moore, La Veneno, entre outras inúmeras que fizeram história e me inspiram pra que nos tempos de hoje possamos acreditar que somos todos iquais.

Em 2019, antes da pandemia do Coronavírus, você foi destaque na parada LGBTQIA+ de Belo Horizonte tocando para mais de 40 mil pessoas presencialmente e recentemente em 2021 em um projeto da Tridente fazendo um live show, PRIDENT SESSION – 2021 que já conta com mais de meio milhão de players, como foi participar desses grandes acontecimentos na sua trajetória?

Foi emocionante e super importante para as pessoas me conhecerem além das boates e festas, o convite para a parada LGBTQIA+ de BH veio através da produtora Um Brasil, com a qual já havia trabalhado inúmeras vezes antes, eu iria ser a última DJ do circuito que encerrava na praça Raul Soares, e lá estavam cerca de 40.000 pessoas que me fizeram arrepiar depois de soltar minha vinheta e primeira música. Foi demais. Úma sensação única. Dali em diante, meu nome já foi tomando outros rumos para novas oportunidades.

O convite para participar do PRIDENT SESSION junto com a Nat Valverde que sempre fui muito fã e sempre me inspirou muito, e o Johnny Bass, grande produtor que também sou fã, veio no meio da pandemia, em um momento que tudo estava mais complicado de se fazer, devido às medidas de segurança. Lembro de estar em casa e o Thiago me ligou em chamada de vídeo com a Natipara falar sobre à mãe dele e o projeto do live show que ele tinha em mente, sobre ajudar a Casa Florescer, me contou mais alguns detalhes e disse que la mandar a proposta para a TRIDENT, para eu cruzar os dedos e torcer pra dar certo, me senti tão especial de fazer parte dessa história, desse projeto tão importante para todos que participaram. Sem dúvidas, foi o maior e mais importante projeto de maior realização profissional e pessoal que eu já participei e tenho muito orgulho dele e dos resultados que estamos conseguindo com esse trabalho.









#### Qual a sua expectativa para a Cena do Tribal e para a sua carreira, algum projeto novo que posso vir dagui para a frente?

Minha expectativa para a cena é que os DJs e Produtores entendam que somos todos uma grande engrenagem, que cada um tem seu papel e cresce de acordo com os méritos que eles mesmo conseguem através de trabalho duro, estudo e amor pelo que estão fazendo, que deixem um pouco de lado o ego, precisamos ter respeito e humildade para tudo funcionar em harmonia e todos saírem ganhando.



Vários projetos super empolgantes para minha carreira, estamos pensando em cada passo com muito cuidado para não perder o gosto que é viver cada fase. Recentemente, finalizamos o aftermovie do show que fizemos na Essence Pride em outubro 2021, onde colocamos todas as dancers mulheres trans (Débora Dmakes, Thays Fox, Rubia Furtado) para performar no palco, com participação também da Fada Nat Valverde no set e mais uma vez me dando apoito total, direção do Thiago Bellonzi e a filmagem foram os meninos da SantaCena que também fizeram a gravação do Prident Session sempre incriveis, o set e o aftermovie serão lançados em breve, fiquem atentos as minhas redes sociais que tem muita coisa boa pra vocês, e vamos viver muita coisa boa juntos ainda.

Preparei um projeto que se chama VRST, Versátil.





Nele vou mostrar as diversas maneiras que eu me expresso com a música, através de uma sequência de sets e músicas que preparei para serem lançadas até Agosto a cada 15 dias a partir od dia 3 de junho, começando com o "VRŠT Pride Set", que foi gravado quando toquei em São Paulo, com participação da Nat Valverde na festa Essence, onde as algumas meninas trans (@foxthays. @deborah.dmakes2 e @rubyfurado.] fizeram uma participação como dancers. O after movie desse dia será alnacado no dia 6 de iunho.

#### Assista: AfterMovie Pride Set



# Ouça o SET: VRST PRIDE 2022

Nas faixas lançadas a seguir será possível ver a versatilidade em fazer não só apenas sets de diferentes vertentes , mas também o caminho de produção musical lançando meu primeiro mashup nesse combo de lançamentos.

Contratações: @tbellonzi @agencia\_soundart (011) 94545-1991

**TWITTER** 

SOUNDCLOUD

INSTAGRAM



CÁSSIO ROCHA





# aula Pivatto: Uma DJ, uma mulher com garra

Curitibana, capricorniana, mulher com muita garra e força de vontade. Ela é DJ da cena tribal, produtora musical e ainda design gráfica e de web. Quer saber um pouco mais de quem é essa mulher multifacetada? Entrevistamos a DJ Paula Pivatto, onde ela nos conta um pouco da sua trajetória que é um verdadeiro misto de prazer e alegría. Confira agora na íntegra a entrevista:

Meu sonho sempre foi trabalhar com a música e viver dela, mas também sabia que eu precisava de muito conhecimento teórico

Primeiramente, muito obrigado por nos conceder essa entrevista e realizar essa troca com a gente! Pra comecar Paula, conte um pouco da sua história.

Oie, eu quem agradeço o convite para falar um pouco da minha trajetória. Então, me chamo Heula Paula, tenho 33 anos de idade, sou formada em Publicidade e Propaganda e, aléme acercer a carerier artistica, também trabalho com designer gráfico e de web. Capricorniana, acis em Curtiba e me mudei aos 26 anos para a cidade de Santos no litoral de SP, onde finalmente consegui dar inicio ao olano de me tornar uma DJ.

Me mudei para São Paulo capital no início da quarentena, mas devido às muitas dificuldades tive que mudar de cidade mais uma vez, vindo parar em Florianópolis, onde estou apaixonada pela magia do lugar.

Como a música eletrônica entrou na sua vida? Como foi esse primeiro contato com esse universo?

Uma vez ainda quando criança eu ouvi uma música bem diferente vindo da casa ao lado e quando perguntei me falaram que era "tunts tunts", depois disso me agarrei no estilo passando por diversas vertentes até conhecer o Tribal House, pelo qual me apaixonei perdidamente e toco hoje em dis

Você teve alguma influência familiar ou de amigos?

Nasci em uma família de músicos, além de participar na adolescência de comunidades evangélicas nas quais meu grupo de amizade era sempre a galera da música. Passei por vários instrumentos até encontrar a minha primeira paixão que foi a percussão e bateria, e foi ali que me envolvi ainda mais com as batidas e grooves.





E a sua decisão de se tornar DJ quando aconteceu e por que? Já a sua decisão de se tornar produtora, conta para gente como foi?

Meu sonho sempre foi trabalhar com a música e viver dela, mas também sabia que eu precisava de muito conhecimento teórico, então quando consegui o meu primeiro emprego, fui pesguisar sobre cursos de DJ, mas encontrei dois grandes problemas: primeiro o investimento era muito além do meo coracterio es esgundo, por mais que eu conseguisse pagar, os horários não batiam pois os cursos eram sempre em horário comercial, então eu pesquisava todos os anos para saber quando seria possível começar o tal curso, até que veio uma ideia de mudar de cidade por conta de vários motivos e eu precisava de novos ares. Com a nova cidade veio uma nova oportunidade, em Santos, litoral de São Paulo, eu encontrei todas as condições que precisava e fiz o curso de DJ na SB7 com professores DJs da rádio Jovem Pan.

## Ouca nova música: Viciei de Lais Bianchessi

Finalizei o curso e iniciei minha trajetória como DJ em fevereiro de 2017 logo em seguida, já senti a necessidade de me tornar produtora musical, onde encontrei novamente um longo caminho de dificuldades, mas consegui finalmente em 2019, me matricular no meu primeiro curso de produção, com o DJ e produtor Thiago Costa. Em 2021, passei pelo curso de produção da Santander Music e atualmente estudo Teoria Musical e Sound Design.

## Ouça: "Um drop que amo muiiiito"

No início da sua carreira, levando em consideração a época que você começou, quais eram os majores desafíos?

Meus maiores desafios na época eram: poder conciliar todas as minhas atividades; tocar aos fins de semana; ter que trabalhar com outras atividades durante a semana e fazer faculdade e TCC. Tirando o tempo que eu tinha que dispor para fazer networking e conhecer novas festas, era muito intenso e é, até hoie, com a diferenca que iá me acostumei com a peaada.

E você acha que o fato de ser mulher te deu uma engrenagem para os desafios na sua carreira? Porque sabemos que a profissão DJ no universo da música eletrônica, mas precisamente na cena tribad, é majoritariamente dominada por homens. Como você fez para ter que provar seu potencial?

Eu diria que quase todas as profissões são dominadas por homens, entendi que não é só comigo ou só no meu trabalho, é um problema social, de construção de valores. Pensando assim, eu tiro o peso das minhas costas, me torno mais forte e me concentro ainda mais nos meus objetivos. Provo o meu potencial todos os dias para mim mesma, dando o meu máximo e não permitindo que me afetem.

Você participou de alguns programas de rádio. Conta pra gente essa experiência e quais foram as rádios que você se apresentou?

A primeira rádio que tive contato foi a Jovem Pan por conta do meu curso, dali vieram os convites para participar na Rádio 98 Santos e Rádio Guarujá, hoje em dia ainda faço algumas participações sempre que consigo conciliar na agenda.

Também sou DJ residente e manager da Rádio TV Regional, que é mais como uma rádio institucional da ONG LGBTQIAP+ Caieiras que trabalha com causas LGBTs e da comunidade.





vento na Rádio. Reprodução: Redes Sociais/Instagram.

A dificuldade está na rotulação (DJ mulher tem que ser Diva, DJ homem no Tribal tem que ser sarado), na minha opinião o DJ tem que ser um bom profissional independente do sexo

Paula Pivatto

Desde o seu primeiro contato com a música eletrônica, até hoje, você percebe uma evolução no que diz respeito à representatividade feminina na cena tribal brasileira?

Hoje em dia, existem muito mais mulheres tocando tribal, isso é fato. Existe, sim, uma representatividade feminina, mas não veio proporcional à quantidade de DJs homens que surgiram na cena nos últimos anos. Não vejo isso como um problema, a dificuldade está na ortulação (DJ mulher tem que ser diva, DJ homem no Tribal tem que ser sarado), na minha opinião o DJ tem que ser um bom profissional independente do sexo, da proposta, das roupas ou do físico e tem que respeitar o colega de profissão independente de tudo isso que liste itambém.

# Ouça: "Um drop que eu amo muiiito Vol. 1"

Quais são as suas maiores influências musicais nacional e internacionalmente? Qual é a sua identidade musical?

Aqui eu posso fazer uma lista de vários produtores de tribal house que me inspiram desde o meu primeiro play, como os brasileiros Fernando Malli e Apolo Oliver com os grooves e percussões impecáveis, Tommy Love e Brenno Barreto com peso para dançar, Patrick Sandim, Diego Santander entre outros nomes, e internacionais como Aron, Erick Ibiza, Luis Erre, Leo Blanco etc.

Ao longo desses 5 anos, fui desenvolvendo minha identidade em cima dessas e outras referências, e agora estou produzindo tracks originais com a minha sonoridade musical, nas quais vou puxar as raizes do tribal house, com a energia alegre e com muito vocal próprio.

66 A cena tribal está em crescimento porém ainda com muitos desafios Paula Pivatto.

Mesmo não sendo fácil, o que te mantém no caminho da música? O que te move? Quais são seus projetos para o futuro?

O que mantém é o amor pela música, é a satisfação por viver algo que eu nasci para fazer, não me vejo fazendo outra coisa.

Tenho vários projetos profissionais que estão para acontecer em um futuro não muito distante, mas como comigo é tudo tão intenso, o melhor mesmo é me acompanhar e ir vivendo as novidades comigo.

Para finalizar nosso bate-papo, qual mensagem você deixaria para as futuras DJs da cena tribal?

A cena tribal está em crescimento porém ainda com muitos desafios, esteja disposta a passar pelo processo, não abaixe sua cabeça principalmente por ser mulher, saiba que você vai precisar se defender muitas vezes, mas a melhor defesa não é o ataque e, sim, o autoconhecimento, por isso acredite em você.

# SOUNDCLOUD INSTAGRAM



**ORLY FERNANDES** 







# REVIEW: Curitiba aterrizou em SP

#### Coletivo Inverted Pyramid realiza sua primeira Tour em SP

Primeiro de Abril de 2022, dia de pregar peças nos amigos (Boatos que um dos produtores da festa mandou uma mensagem para os outros dizendo que a nesma haiva isdo cancelada...), o coletivo curitibano Inverted Pyramid chega à capital paulista para dar início a uma turnê que contou com 3 enisódios.

O coletivo é liderado pelos DJs Ibraim AKA Bragyptian, Ibra é do Egito e mora no BR há alguns anos, nesse meio tempo construiu uma notória carreira como DJ e algo que se destaca em seu projeto é a sua versatilidade.

Betriza, nascida no Rio, criada entre o Rio e Curitiba e radicada em São Paulo, Betriza vem ascendendo como DJ na cena RR, já tendo se apresentado em clubes como D-Edge e Club Vibe. Dona de um carisma super genuíno e talento, ela é super esforçada, sempre estudando e se aprimorando nesse mercado.

E o também curitibano Neo Classic, DJ que traz uma história interessante, descobriu o DJing após os 60 anos, começou a aprender a arte por hobby, porém a coisa ficou séria. Hoje, Fernando AKA New Classic, já se apresentou em clubes como Vibe, Danghai e o Warung Beach Club.

O primeiro episódio dessa Tour, foi no Teatro Mars, espaço famoso por receber uma diversidade de eventos e vem se tornando palco de festas de música eletrônica. A escolha do local foi perfeita! O ambiente encaixa perfeitamente com a atmosfera da festa!

A Tour trouxe como Headliner o queridissimo Bry Ortega. Bry é praticamente uma banda de um homem só, ele apresenta uma live construída a partir de elementos do Techno, com fortes influências de Drumcode, elementos percussivos (Bry é baterista) e uma diversidade de synths, fora o carisma e presença de palco que contagia facilmente toda a pista. Um verdadeiro showman! Ele é considerado o padrinho do coletivo.

O primeiro a se apresentar foi o nosso anfitrião Bragyptian, ele entregou um Warm Up super coeso, nos mostrou um pouco de sua extensa bagagem como um DJ capaz de se adaptar a diferentes situações.



Às 22 horas, Bragyptian passou a bola para o Neo Classic, a casa estava começando a ficar mais "animada", a pista do Mars é grande, dividida em andares no fundo (como uma sacada), aquele vasto espaço escuro foi sendo ocupado por pessoas lindas e cheias de vontade de deixar seus problemas do lado de fora da porta e entra naquele "transe coletivo".

COLORS

Às 23 horas, a aniversariante do dia. Betriza assumiu os decks e que energia boa que ela demonstrou! A DJ construiu um set mesclando tracks melódicas com outras mais ácidas dominando a pista com maestria. Além de técnica e pesquisa, Betriza também dispõs de todo um carisma e presenca de palco.



Além dos donos, outros artistas também tocaram!

Meia Noite! Isi pegou a pista na medida. Ela entregou um set pesado, kick e bass batendo forte, aquele ambiente começava a se transformar...

Era 1 da manhã quando o paulista radicado em Cwb Nadalin subiu no palco. Ele fez um live set incrível, com uma construção perfeita, atmosfera hipnotizante através das linhas de baixo, com um groove sempre presente! A pista já havia mudado para algo mais obscuro, ele manteve essa atmosfera, porém construiu linhas sonoras que, apesar do tom sombrio, passeavam por texturas dançantes, dando uma certa leveza.

Em seguida foi a vez do b2b entre Alboitt e Gui Moura, eles apostaram em um Techno denso, kicks marcantes do princípio ao fim, era exatamente isso que a pista queria naquela hora. O set foi "pra cima" o tempo todo, a sinergia entre eles foi perfeita, a Alboitt passou muita energia e presença de palco, o Gui foi mais introspectivo, trazendo um set perfeito para preparar a pista para o que estava por vir, a live do Bry Ortega.



Eram 3 e meia da manhã, um rapaz que estava na pista vira para o moço que estava fazendo a cobertura do evento para uma revista e pergunta "Trouxe papel e caneta? Agora é o Bry Ortega!". Enquanto o músico subia no palco e se preparava para começar, foi gerada uma expectativa na pista, algo como o título daquele álbum da banda O Rappa, " O silêncio que precede o esporro". O live começa com uma explosão de batidas e melodias que deixam as pessoas na pista com sorrisos enormes nos rostos. A construção trouxe sempre elementos percussivos, um momento chave é quando ele usou baquetas em uma espécie de "Bateria eletrônica", todos pararam para olhar. Bry Ortega esbanjou muito talento e carisma neste final de noite!

O primeiro dia da Tour estava encerrado, no outro dia, a aventura continuaria em Santos, mas antes, Bragytian nos contou sobre o que sentiu nessa experiência:

"Desde que nossa label se consolidou onde tudo começou; em Curitiba. Ficou bem evidente que o próximo passo seria deixar um marco na capital brasileira da música eletrônica, São Paulo... Isso se tornou viável com a ajuda da nossa amiga e parceira desde a primeira edição da Inverted Pyramid (antiga Desert Heat) a Betriza, que organizou a nossa primeira private showcase em São Paulo no ano passado. Fomos muito bem recebidos por várias labels e artistas bem reconhecidos na cena paulista. Neste ano com a chegada do aniversário da Betriza, aproveitamos o momento para retornar. Já com contatos estabelecidos, surgiu a oportunidade de realizar 3 eventos em 2 dias, foi um desafio que decidimos encarar e chegar com o nosso time completo e também com o nosso "padrinho" Bry Ortega encabeçando a tour, foi desafiador e cansativo, porém de fato, incrível! Fomos mais uma vez muito bem recebidos, por isso somos muito gratos! Em breve retornaremos! Aquardem!"

Bragyptian.



2 de Abril de 2022, o coletivo realizou um evento pvt com alguns convidados durante a tarde em São Paulo, após cantarem parabéns para a nossa aniversariante Betriza, (ela ganhou um bolo em formato de uma CDJ) a Inverted Pyramid segue para a cidade de Santos, aonde será realizado um showcase no Cave Club. A casa vem recebendo coletivos ultimamente e é uma das principais referências da cena underground na baixada santista.

A festa começou com a DJ Polsky, entregando um warm up cheio de tracks melódicas e introspectivas. Polsky foi e é muito talentosa, ela foi a mais introvertida enquanto se apresentava, passou toda uma calma e entregou um set muito bem construído, mixagens suaves, percepção de pista, só elogios...



dito: Bia Alves @hia





A pista da Cave foi enchendo aos poucos, o público era super jovem e cheio de energia, após a Polsky, o simpático Waz assumiu os decks apresentando um set rico em sonoridades melódicas. O terceiro nome a se apresentar foi o Neo Classic, o DJ construiu um mix formado por melodias cheias de groove, tocou uma Track que continha os vocais do hit "Hide U" da banda britânica Kosheen, o set teve uma ótima resposta do público que o ovacionou merecidamente. Ele também nos contou um pouco sobre como foi para ele, toda essa experiência:

"Como integrante do coletivo Inverted Pyramid, núcleo curitibano idealizado pelo artista Bragyptian, juntamente com Betriza, tive a satisfação de participar, com os nossos residentes, da incrível jornada musical no Tour em São Paulo, com 3 (três) eventos em 2 (dois) dias. Na capital paulista, apresentamos nossa musicalidade no Teatro Mars e um Show Case, com lines distribuídos entre os fundadores e residentes, com muita música eletrônica, nas vertentes techno, melodic house, melodic techno, indie dance. O último evento foi realizado na cidade de Santos/SP, no Cave Club. A receptividade que tivemos nessa tour, tanto na realização dos eventos, como nas apresentações foi algo inesquecível, com o público interagindo com nossos artistas residentes e com apresentações ao vivo de nossos convidados Adriano Nadalin e Bry Ortega.

Uma jornada inesquecível, onde além de mostrarmos nossa proposta musical, colhemos muitos insights e trocas de experiências, agregando valor inestimável aos nossos propósitos e incentivando, cada vez mais, a seguirmos nos objetivos coletivos, revelando novos artistas e residentes com o apoio de todos os integrantes e convidados em nosso primeiro Tour em São Paulo. Muito obrigado a todos os envolvidos.

Neo Classic.







Chegou a hora de Bry Ortega pegar a pista em meio a uma chuva que não intimidava nenhum pouco os Clubbers ali presentes e não tinha como, ele roubou a cenal O live performance impressionou mais uma vez pela sua singularidade sempre somada ao carisma do músico. Ele deixou um depoimento nos contando sobre como foi participar desse projeto:

"Como é incrível fazer parte do crescimento de algo que está frutificando como família."

"Esse é o resumo de ser convidado para essa tour com meus pupilos, sim, meus mentorados, que, com excelência, estão a cada dia fazendo acontecer sua marca, sua forma de expressar, sua label Inverted Pyramid. Poder somar nesse momento com eles foi algo de extrema importância para mim como artista, pois em primeiro lugar, sabemos que nada se constrói sozinho e juntar forças com pessoas que colocam a energia certa para passar sua ideologia faz todo sentido para meu propósito. A arte é sempre exaltada por quem a conduz e esse time está fazendo isso de forma exemplar. Ao passar por São Paulo e Santos, deixamos um pouco da essência de uma label construída em familia. Todos os artistas que estavam juntos fazendo parte disso tudo somaram de forma impecável com suas entregas. O que afirmo com toda a certeza é que nasce uma label que tem na sua base muita força, música de qualidade, com o foco primordial na ARTE, mas principalmente em quem conduz. Vida longa a esse time, o qual terá sempre minha benção, minha arte e meu apojo. Sucessol"

#### Bry Ortega.

Após o Bry, foi a vez do nosso querido Bragyptian assumir a festal O set foi bem "pista", muita energia boa, tracks bem groovadas, Ibrahim AKA Bragyptian é um DJ que não se limita a estilos e sabe ler bem a pista, entregando o melhor no momento exato.





Crédito: Bia Alves, @b

Por volta das 5 da manhã, Betriza entrou em cena, mandando uma sonzera pesada, Technão pesado e groovado levando a pista para outro universo! Ela entregou um set beeeem diferente da noite anterior e deixou todo mundo contente! Ela pegou o nascer do Sol, chovia, mas o dia que estaria por vir seria ensolarado. A DJ nos contou um pouco sobre como foi realizar essa tour:

"Assim que aconteceu a minha entrada e do NeoClassic como sócios da label Inverted Pyramid, antiga Desert Heat fundada pelo Bragyptian, tivemos a ideia de reunir os artistas em São Paulo para comemorar tal evento aproveitando também o meu aniversário. Enxergamos uma grande oportunidade de realizar uma mini-tour durante o final de semana, e foi ai que lançamos o desafío para os artistas do coletivo. Realizar 3 festas em 2 días. Além disso, estendemos o convite ao By Ortega que é meu mentor e do Bragyptian, para que se apresentasse de forma inédita em São Paulo através da label. Assim surgiu a SP TOUR Inverted Pyramid com Show case na Cave Santos, Teatro Mars e no evento privado apoiado pela Beck's. Nos 3 eventos, os artistas da label se revezaram e tiveram a oportunidade de entregar uma experiência sonora única e de qualidade para o público.

Os desafios de logística e produção foram superados facilmente com a energia que cada artista emanou durante o projeto.

A maior felicidade para mim, foi ver os residentes da label realizados com suas estreias em SP, e criar essa ponte Cwb-SP foi sempre o que almejei fazer.

Além disso, receber artistas, professores e mentores que admiro tanto na minha casa, foi algo especial e inesquecível. Criamos uma atmosfera única, intimista, quase que familiar entre todos que compareceram, e é o tipo de relação que quero construir ao longo da minha jornada.

#### Betriza.





werted Piramid SP - @biaalves

Bragyptian e Polsky tinham a missão de encerrar a Tour, tocando Technão 4×4, pesado, eles fizeram um b2b de respeito. Havia pouca gente na pista, mas parecia que a casa estava toda cheia, pois todos dançavam muito.



A tour havia encerrado e o coletivo subiu a serra para mais tarde voltar para Curitiba. Esse foi o primeiro grande movimento que a Inverted Pyrimid fez em SP. Trouxeram toda aquela energia e sofisticação que os curitibanos têm quando o assunto é música eletrônica. A capital paranaense sempre teve um gosto refinado, uma preferência pelo conceitual.

Crédito: Bia Alves, @biaalves\_

O próximo evento da Inverted, será no dia 11/06 em sua cidade, mais precisamente no famoso Club Vibe. Vai se chamar "Ella Whatt by Inverted Pyramid", LINE UP:

Ella Whatt

19 Sines

Black Rose

Bragyptian (B-day set)

Vip Room: Elói Carraro - John Haste - Polky - Waz

#### **INGRESSOS**

#### INSTAGRAM





TIAGO JERÔNIMO





# Entre Remixes, Bootlegs e Mashups

Imagina que você está preparando um prato delicioso com ingredientes bem inusitados e ao final descobre que tal combinação rendeu uma incrível descoberta. Falando assim, até parece lembrar de um reality show de culinária, mas, trocando os pratos pelas pick-ups dos DJs, a mistura daria outro tempero, que chamamos de bootleg ou mashup.

O "bootleg" é uma produção não oficial ou não autorizada, geralmente um remix ou um mashup originário dos trabalhos de outros artistas. A princípio o nome "bootleg" nunca teve nada a ver com a música eletrônica. O termo em si se refere a objetos que são duplicados, transportados e vendidos llegalmente. E só quando chegou ao patamar da indústria da música, o termo passou a se referir a toda e qualquer criação musical que é usada em violação das leis de direitos autorais, especialmente algo que é duplicado e vendido com fins lucrativos, por alguém que distribui sem o direito legal de duplicá-do ou vendê-lo.

Falando em "mashup", a nomenclatura se refere ao ato ou efeito de misturar duas ou mais músicas para gerar uma única faixa. O "mashup" é reconhecido também por outros nomes, tais como "blend", "bastard pop", "power mixing" ou a terminologia mais antiga, que conhecemos como "bootleg".

O método mais usual e comum para se criar um "mashup" é acrescentar um vocal, sample, ou acapela de uma música a um novo instrumental de uma nova faixa, ou vice-versa. Embora isso possa ser considerado uma violação dos direitos autorais, essa brincadeira tem se tornado cada vez mais comum entre grandes e novos produtores de música eletrônica.

Há quem afirme que os mashups foram criados em meados da década de 1980, mas se tornaram populares provavelmente no início do novo milênio. De fato, a sua criação se tornou tão popular, que muitos DJs e produtores de música eletrônica já adotaram a prática do mashup como estratégia exclusiva em suas apresentações.

O problema com esses termos é que existe a definição formal e, também, a maneira trivial como as pessoas usam esses nomes hoje em dia. Além disso, muitas terminologias se acumulam, por exemplo, você pode ter um remix dito original, mas que se utiliza de pequenos trechos (samples) com vocais manipulados, extraídos de uma outra música original. No final das contas, tudo isso é considerado formalmente um bootleq, que pode vir a ser originalmente lançado.

Então, para esclarecer essa salada musical, saiba que, um "remix" é a versão de uma faixa original de um artista e o "bootleg" é apenas um remix que foi feito não oficialmente. Ou seja, o produtor não pediu consentimento para fazê-lo.

Para o ouvinte, porém, não há diferença entre um remix e um bootleg. Talvez essa seja uma das grandes razões pelas quais a maioria dos bootlegs são chamados de remixes. Boa parte dos produtores da atualidade não se preocupam em seguir essa regra, que no final das contas nem gera muita importância para o público.



O fato é que "bootlegs" e "mashups" sempre estiveram presentes na Dance Music. Para muitos DJs, tudo isso é o primeiro passo para entrar no universo da produção musical, até porque a ideia vem da brincadeira de criar novas versões para as músicas originais. O público passa a reconhecer e perceber o quão bem as faixas funcionam juntas e o DJ acaba ficando surpreso com o resultado na pista.

Ouça a seguir três bootlegs que bombaram nas pistas e se tornaram sucessos pelas mãos de produtores da cena da música eletrônica.

Ouça: Steve Angello & Laidback Luke feat. Robin S.
"Show Me Love"

Ouça: Fragma - Toca's Miracle (2008 Inpetto New Vocal Version)

Ouça: We Found Love Vs. I Wanna Dance With Somebody (Nandi Mashup Extended) - Rihanna Vs. Whitney Houston



DJ MACAU





# Between Remixes, Bootlegs and Mashups

Imagine that you are preparing a delicious dish with very unusual ingredients and in the end you discover that such a combination yielded an incredible discovery. Putting it that way, it seems to resemble a cooking reality show, but, exchanging the dishes for the DJs' pick-ups, the mixture would give another flavor, which we call a bootleg or mashup.

A "bootleg" is an unofficial or unauthorized production, usually a remix or mashup originating from the work of other artists. At first, the name "bootleg" never had anything to do with electronic music. The term itself refers to objects that are illegally duplicated, transported and sold. And it wasn't until it reached the music industry that the term came to refer to any and all musical creations that are used in violation of copyright laws, especially something that is duplicated and sold for profit, by someone who distributes without the legal right to duplicate or sell it.

Speaking of "mashup", the nomenclature refers to the act or effect of mixing two or more songs together to generate a single track. The "mashup" is also recognized by other names, such as "blend", "bastard pop", "power mixing" or the older terminology, which we know as "bootleg".

The most common and usual method of creating a "mashup" is to add a vocal, a sample, or an acapella from a song to a new instrumental of a new track, or vice versa. While this could be considered copyright infringement, this blending has become increasingly common among big and new electronic music producers.

Some claim that mashups were created in the mid-1980's, but became popular probably at the beginning of the new millennium. In fact, its creation has become so popular that many DJs and electronic music producers have already adopted the practice of mashup as an exclusive strategy in their presentations.

The problem with these terms is that there is the formal definition and also the trivial way people use these names today. In addition, a lot of terminology accumulates, for example, you can have a remix that is said to be original, but that uses small excerpts (samples) with manipulated vocals, extracted from another original song. At the end of the day, this is all formally considered a bootleg, which may be originally released.

So, to elucidate this musical mixture: know that a "remix" is an artist's version of an original track and a "bootleg" is just a remix that was made unofficially. That is, the producer did not ask for consent to do so.

For the listener, though, there's no difference between a remix and a bootleg. Perhaps this is one of the big reasons why most bootlegs are called remixes. Most of today's producers don't bother to follow this rule, which in the end doesn't even generate much importance for the public.

The fact is that "bootlegs" and "mashups" have always been present in Dance Music. For many DJs, all this is the first step to enter the universe of music production, because the idea comes from the blending to create new versions of the original songs. The audience starts to recognize and realize how well the tracks work together and the DJ ends up being surprised with the result on the track



Listen: Steve Angello & Laidback Luke feat. Robin S.
"Show Me Love"

Listen: Fragma - Toca's Miracle (2008 Inpetto New Vocal Version)

Listen: We Found Love Vs. I Wanna Dance With Somebody (Nandi Mashup Extended) - Rihanna Vs. Whitney Houston



**DJ MACAU** 





# COLUNA

# PAPO DE TRAVA: Trans Perspective Part I – Childhood

#### The repetition of certain terms is part of an appealing technique to draw attention.

I always start thinking that it's complicated to write about my existence and those of my peers, but I'll start differently this time: it's easy, actually, it's quite simple in this first part.

What complicates, as always, is the Cisgenerity with its sickening mental dysphorias. It's you, Parents! An ere'/a child has a pure mental capacity and, according to age and maturity, with the possibility of understanding how he feels and how he sees himself greater than the parents themselfy

What do you mean, Kukua? Yeah! Obviously, a baby can't define their gender because they don't even need or understand what gender can mean. Just like the mindset of many domestic animals, a baby just wants to eat, cry, shit, piss and sleep. No type of responsibility, causality or consequence regarding these 5 attitudes worries babies.

However, Parents, at 6, 7, 8 years old, the child is already beginning to understand these causalities, consequences, to be interested in it. Pheromones and binarizing hormones begin to work at these ages and the minds of these children begin to be affected and influenced for their development, yes!

That phase of questioning everything is proof of that. Not every child effectively questions with words, but there are also those who question with attitudes. Why this, why that, sometimes creating questions that you can't even answer yourself or acting, not questioning in ways that you, as parent, can't figure out why.

Transgenerity is possible and real at childhood. The fact of not accepting this, because Transgenerity is a factor of dissent and no parent likes to know that their child will suffer for deviating from the standard, is what makes the children themselves sick.

I was not a trans child, I believe that before there was a real need for me to be responsible for myself, I tried to escape into a world of my own, not really facing myself, and, thus, delaying the self-understanding of my own existence. But I am myself, Kukua Dada.

Not every trans existence works like me. It's not like I'm waiting for the age of majority to "come out" (as unfortunately some trans people actually do). It's as if before the "click" that happened inside me, I never had a real opportunity to look at myself and know who I was.

It is important that children feel this opportunity in a family environment. May you, Progenitors or even you, Effective Parents, give them this opportunity. The child will exponentially become an adult being more confident of himself, with less fear of the world (which has always been and always will be cruel, but the more fear they show, the more the world grinds to them, right?) with a greater possibility of standing out for their intelligence and potential, not just for their Transgenerity.

This work is the beginning of several appeals to the Cisgenerity, which, in fact, does not seek to understand Transgenerity at any time, whether this Cisgenerity is erroneous or not, whether it is sick or not. And this incessant need to always draw attention for such a slip is sad. Of having to explain that the reason we draw attention when you mistake a pronoun is not a simple "bullshtt", "f\*g-ness". From the fact that we "pretend that we don't see" on various types of invasive questions (or even attitudes) to keep a job, a prestigious position (which is rare), an opportunity (very rare).



Please try harder. For the children of now and the future. Don't blind yourself to reality just because it doesn't sound ideal to you. Your child is yours because it has your genetic code, but they are not your possession. They will have their own life to design and care for, whether you like it or not, accept it or not. Make it easy for your kid to get to know themselves so that they can return the love that was given to you with all the affection, attention and opportunity for self-understanding!

## KUKUA DADA





# COLUNA

# PAPO DE TRAVA: Trans Perspective - Part 2



#### Adolescence and Adulthood on the Neocolony Brazil

The repetition of certain terms has a character of calling attention to the shaped subject. In addition, the neologism CISTEM (from the word SYSTEM) and its derivations lead to the letter C for CIS-GENDER, to be FULLY understandable that the political and social responsibility of most of the issues mentioned on this article derives from the Cisgender people, not the Transgender ones (opposite to how many cisgender people like to think).

We've come to the hardest part of talking about these perspectives, and I pray that, in the future, it won't be the last for most of us. Why do I say this? Life expectancy for transfemale existences is around 30 and 35 years.

30 years of age for trans existences with more eumelanin, black, racialized, papered (brown lol) and indigenous people. 35 years for existences with more pheomelanin, those with European or Asian descent

There is no way to talk about Transgenerity without talking about Raciality. The Neocolonial Brazil in which we live today was built on understandings, habits, fallacies, laws, policies of an era of indigenous genocide followed by an era of slavery, whose Golden Law did not bring real support to the former slaves of the Colonial Brazil. Transforming them into salaried workers, debtors with a name on financial Cistems like Serasa. Connected to a whole lot of Cistems that still holds them and blocks them from health tile opportunities for the most part.

The SAME occurs with most trans people, except when the family, from a healthy childhood, cared for and perceived the child/eré's needs without manipulating or judging them for differing from the standard.

Even so, most progenitors and effective parents, together with elementary schools, in a Cistematic way, INDUCE (with the lack of conversation and emotional exchange mainly) the trans teenager to want to leave home early and to use the hypersexualization that such trans teenager suffers as a means of selling their body and making their own money. Opening opportunities not only for bodily-mental traumas, but also for sexual blocks when real affective relationships present themselves.

Myself, Kukua Dada, as a travesty even though I chose to preserve myself until I was 18 years old until I had the opportunity to be considered an adult and be able to get involved with whoever I wanted without anyone's rejection, I had many terrible sexual experiences and all of them with cisgender men. That was before my transition. After that, I was even robbed by people I trusted because I thought they liked it and that they valued me even though I was a travesty.

It hurts to be a trans person, and contrary to what many cis people think and say in YouTube videos, no one who was a cis man/cis woman becomes a trans woman/trans man. Transition is not a choice, it is a decision, an encounter with oneself. The difference is: a choice is so superficial that it can even be forgotten by the person who made it. The decision changes your life path in an intense and unforgettable way, it's a discovery of oneself. No trans person who decides to transition does it to suffer.

If a trans existence has already been damaged in childhood, the best way to deal with it is with patience, empathy and affection, even if the trans person exhibits isolating and/or strange behaviors. If the existence has been well cared for and supported in advance, the minimum is pronominal respect and respect in general, which is something that cisgenerity usually ignore at some point and that all trans existences, hur or not, deserve.



With any trans existences, questions and comments about one's body, about surgeries, about other trans people who were brutally murdered by the Cistem are all unnecessary and inconvenient.

Opportunities for affection are also very rare for trans people, from childhood in some cases, but it is something very certain in adulthood, which also makes playing and touching habits from cisgender people totally unnecessary and inconvenient as well.

And to finish, I will now address YOU, trans person. The same conversation my therapist had with me, I'll have it with you; just because you had a turbulent childhood, you don't have to think that the relationship with the cisgender who assumed you as a partner has to be turbulent too. Just because you have trouble understanding and processing affection doesn't mean you have to sleep with literally anyone. And this message, in addition to being intended for you, also goes to the Kukua of the past who did exactly such nonsense.

Appreciate yourself, Trans Person, you deserve much more than what you were taught you deservel. You, as a transgender person, have enormous potential that no cisgender person (whether it's a cis Doctor of Neurology and/or whatever graduation they have) can measure or fully understand.

#### KUKUA DADA





## COLUNA

# PAPO DE TRAVA: Perspectiva Trans - Parte 2



#### A Adolescência e a Adultidade no Brasil Neocolônia

A repetição de certos termos tem um caráter de chamar atenção ao assunto moldado. Além disso, o neologismo CISTEMA e suas derivações levam a letra C de CISGÉNERO, para ficar TOTALMEN-TE compreensível que a responsabilidade político-social da maioria das questões citadas nessa coluna é da Cisgeneridade, não da Transgeneridade (oposto a como muitos cisgêneros gostam de pensar).

Chegamos à parte mais complicada de se falar dessas perspectivas e, oro para que, futuramente, não seja a última para a maioria de nós. Por que digo isso? A expectativa de vida para existências transfeminias é em torno dos 30 e 35 anos.

30 anos de idade para as existências trans com mais eumelanina, as pretas, racializadas, "papelizadas" (pardas rs) e as indígenas. 35 anos para as existências com mais feomelanina, as com descendência europeia ou asiátira.

Não existe falar sobre Transgeneridade sem falar de Racialidade. O Brasil Neocolônia no qual vivemos hoje foi construido sobre entendimentos, costumes, falácias, leis, políticas de uma época de genocídio indigena sucedido por uma época de escravidão, cuja Lei Aurea não trouve real apoio aos antigos escravos do Brasil Colônia. Transformando os mesmos em trabalhadores assalariados, devedores com nome no Serasa. Ligados a um cistema que ainda os prende e os bloqueia de oportunidades de vida saudáveis na sua maioria.

O MESMO ocorre com a maioria das pessoas trans, exceto quando a família, desde uma infância saudável, cuidou e percebeu as necessidades da criança/do eré sem manipulá-la ou julgá-la por diferirem do padrão.

Ainda assim, a maioria dos progenitores e pais efetivos, em conjunto com escolas de ensino fundamental, de forma cistémika, INDUZEM (com a falta de conversa principalmente) o/a adolescente trans a querer sair de casa perecocemente e a utilizar a hipersexualização que tal adolescente trans sofre como meio de se vender e conseguir o seu próprio dinheiro. Abrindo oportunidade não apenas para traumas corpóreos-mentais, mas também bloqueios sexuais quando relações de afetos reais se apresentam.

Eu, Kukua Dada, mesmo sendo uma travesty que escolhi preservar-me até os 18 anos até ter oportunidade de ser considerada adulta e poder-me envolver com quem eu quisesse sem rechaços de ninguém, tive muitas experiências sexuais terriveis e todas com homens cisgêneros. Isso antes da minha transição. Após a mesma, cheguei até a ser roubada por pessoas que confiei porque achei que goatsvam e que me valorizavam mesmo eu sendo uma travesty.

Dói muito ser uma pessoa trans, e contrariamente ao que muitas pessoas cis pensam e falam em vídeos de YouTube, ninguém que era homem cis /mulher cis vira mulher trans/homem trans. A transição não é uma escolha, é uma decisão, um encontro consigo mesma/o. A diferença é: uma escolha é tão superficial que pode até ser esquecida pela pessoa que a fez. A decisão muda o seu caminho de vida de uma forma intensa e inesquecivel, faz parte de uma autodescoberta, não de um simples "virar" ou "escolher". Ninguém trans que decide transacionar o faz para sofre.

Caso a existência trans tenha sido já danada na infância, a melhor forma de se lidar é com paciência, empatia e carinho, mesmo que tal pessoa trans exiba comportamentos isolativos e/ou estranhos. Caso a existência tenha sido bem cuidada e apoiada previamente, o mínimo é o respeito pronorninal e o respeito no geral, que é algo que a cisgeneridade normalmente se passa/ignora em algum momento e que todas as existências trans, danadas ou não, merecem. Com quaisquer existências trans, perguntas e comentários sobre o corpo da pessoa, sobre cirurgias, sobre outras pessoas trans que foram brutalmente assassinadas pelo cistema são todas desnecessárias e inconvenientes.

Oportunidades de afeto também são raríssimas a pessoas trans, desde a infância em alguns casos, mas é algo bem certo na adultidade, o que faz também brincadeira e costumes de toque vindo de gente cisgênera serem totalmente desnecessários e inconvenientes também.

E para finalizar, dirigirei-me agora a VOCÊ, pessoa trans. O mesmo papo que a minha terapeuta me deu, te darei: não é porque você teve uma infância turbulenta que você tem que achar que o relacionamento com o cisgênero que te "assume" tem que ser turbulento também. Não é porque você tem dificuldade de entendimento e processamento afetuosos que você tem que se deitar com qualquer pessoa. E essa mensagem, além de designada a vocês, vai, também, para a Kukua do passado que fazia exatamente tais besteiras.

Se valorize, Pessoa Trans, você merece muito mais do que te ensinaram que você merece! Você, por ser trans, tem um potencial enorme que nenhum cisgênero (seja esse cis Doutor em Neuroloqia e/ou a desgrama que for) conseque mensurar ou inteiramente compreender.

#### KUKUA DADA





# **NOSSA EQUIPE**

Sandro Arnaldo - Sócio Proprietário - Administrativo Diego Aganetti - Sócio Proprietário - Editor-Executivo Barbara Anastácio - Advogada - Jurídico Cadu Bondezan - Editor-Chefe

MÚSICA

I.D.

Cássio Rocha Orly Fernandes Pedro Campos Tiago Jerônimo

DJ Macau

VOZES

Kukua Dada

## **CONTATOS:**

POP - imprensapop@colorsdj.com TRIBAL - imprensatribal@colorsdj.com UNDERGRÖUND - imprensaunderground@colorsdj.com HISTÖRIA - imprensahistoria@colorsdj.com PROFISSAO - imprensaprofissao@colorsdj.com I.D. - imprensaid@colorsdj.com VOZES - imprensavozes@colorsdj.com

